

**revista on line**  
**Imediata**

**Relatório do Trabalho de  
Conclusão de Curso**

**Stella Bousfield**

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Curso de Jornalismo**

## **Trabalho de conclusão de curso.**

**Nomes: Cíntia Teixeira dos Santos  
Renata Nymberg  
Stella Bousfield**

**Projeto: Site da Revista Eletrônica Imediata  
Suporte: Internet  
Orientadora: Aglair M. Bernardo  
Semestre de realização: 99/2**

## Agradecimentos

Aos pais, por sempre acreditar em nós.

Aos imediatos Ricardo, Fabiano e Fabrício pela nossa falta de tempo e irritação.

Ao Clóvis pela co-orientação e pelos aborrecimentos de todas as quintas-feira à noite.

À Aglair pela orientação e lanchinhos de todas as quintas-feira à noite.

Ao Rato, que nos ajudou a fazer o áudio da Gretchen para a página.

Ao Jean que nos ensinou como colocar este áudio na página.

Aos entrevistados que sempre se mostraram atenciosos para conosco.

À Regina pela resenha do livro.

E a todas as outras pessoas que não citamos aqui, mas que nos ajudaram.

Obrigada!

## Introdução

Este é um projeto filho da loucura. Loucura de querermos inicialmente fazer uma revista sem ter dinheiro, nem experiência, e loucura para depois realizá-lo em um suporte que não sabíamos, que não tínhamos nem idéia de como funcionava. Fomos, erramos, acertamos e ela está aí. Filho da vontade de oferecer às mulheres, assim como nós, mais informação. Mais informação, mas um tipo de informação que não precisa necessariamente ser em um formato sério, carrancudo. Queremos mais é o bom humor, porque a seriedade já existe em quase todos os setores da nossa vida.

Para chegar onde estamos fomos movidas pela vontade de produzir algo de bom para estas mulheres, e pela vontade de ver um produto nosso nascendo. Imediata hoje é fruto de uma geração de mulheres que quer tudo o que a vida pode oferecer. Que desejam ser bem mais do que esposas e mães. Somos porta vozes de pessoas que cansaram de ficar à sombra de pai ou marido, que querem ir à luta e vão. Mas para entender mais do que estamos falando vá em frente acompanhe nossa trajetória

## O início de tudo,

começou quando, ao parar de ler as revistas destinadas ao público adolescente, senti a necessidade de ter alguma publicação que se encaixasse com o que eu estava vivendo no momento: a entrada na faculdade, busca de emprego, novos tipos de relacionamentos, enfim, estava saindo da adolescência mas ainda não era adulta, e sentia que nenhuma espécie de publicação me oferecia recurso para que a minha vida se tornasse mais fácil, nada do que eu lia parecia ter sido escrito para mim.

Publicações do tipo *Capricho* tornaram-se infantis, falavam sobre assuntos que já não condiziam mais com a minha situação: “o primeiro beijo”, “o que fazer com a mesada”, “salve o planeta plantando uma árvore”. Além disso as matérias eram destinadas a meninas de alto poder aquisitivo, que é um público meio incomum no Brasil, já que a grande maioria das pessoas vive ou na classe média ou pobre.

E foi justamente este um dos grandes problemas que encontrei nas revistas de grande circulação: parece que o leitor não existe: viaja muito, come bem, lê todos os livros, sabe todas as músicas e gasta fortunas com bons restaurantes e com roupas de grife. A revista *Nova*, por exemplo, em suas dicas de Turismo sempre oferece viagens para lugares exóticos que custam muito caro. Posso citar outro exemplo, como na seção de moda, onde as roupas que povoam estas páginas são de lojas com renome nacional, que por sua vez sempre têm preços exorbitantes. Percebemos isso em outras revista também, parece que todas as matérias realizadas estão voltadas a um público idealizado

Bem, além do fator econômico, outros motivos me levavam a crer na existência de uma lacuna no atual mercado editorial. Um deles era a falta de assunto para o público a quem nós pretendíamos atingir - mulheres na faixa etária dos 20 (vinte) a 30 (trinta) anos. É um espaço difícil de perceber (já que o número de publicações femininas é enorme) que só as mulheres que sentem esta necessidade sabem. Ou as revistas falam das mulheres independentes e casadas, ou falam das mulheres solteiras

desconhecido e tivesse uma noite alucinante), além das publicações de faça você mesmo e de assuntos diversos que não atingiam nosso provável público. Gostaria também de uma publicação animada, divertida que tratasse a mulher como uma amiga mesmo, que não parecesse tão longe da realidade delas. É, acho que é isto o princípio da revista: chegar o mais perto possível da realidade das mulheres que andam por aí, que são de carne e osso.

Então ao fazer a disciplina *Projeto Editorial e Gráfico* ministrada pelo professor Henrique Finco, tive a oportunidade de desenvolver o projeto editorial de uma revista como eu gostaria de fazer. Desenvolvendo o projeto comecei a pensar mais a sério na possibilidade de esta idéia se transformar em um trabalho de conclusão de curso. A cada aula, a cada argumento feito nas discussões com o professor Finco, **Imediata** ia tomando forma, ia crescendo. Então a Cíntia, que também fazia esta disciplina, abandonou a idéia inicial de fazer um projeto de uma revista sobre a noite em Florianópolis e decidiu se juntar ao meu projeto. Achei que ela fosse uma boa parceira de trabalho porque além da afinidade pessoal, achei também que ela fosse uma pessoa que entenderia a proposta - já que ela tinha a mesma reclamação da falta de publicações - além de eu achar que o texto dela fosse muito interessante. Começamos a pensar juntas e decidimos então que este seria nosso trabalho final, mesmo com todas as dificuldades que já conhecíamos. Uma das primeiras decepções foi a escolha pelo papel em que iríamos imprimir a revista. Ao telefonar para as gráficas soubemos que imprimir a revista em papel couchê seria quase impossível devido o alto custo. O Finco então nos falou que o melhor a ser feito era imprimir a revista em papel jornal mesmo. Achamos a idéia horrorosa e então resolvemos fazer papel off-set que seria mais viável. Para nós era mais válido seguir o que sempre quisemos fazer e fazer tudo para que isso se tornasse realidade. Não haveria barreiras que nos impedisse.

No semestre seguinte, na disciplina “Projetos Experimentais”, começamos a botar no papel o que iria ser a revista. Em um papel, a revista não fluía tão bem como na nossa cabeça. Tivemos algumas dificuldades de expressar o jeito que queríamos que ele fosse. Conversa, conversa, conversa. Conversávamos muito mas o texto não saía. Então resolvemos procurar quem seria o Orientador ideal. Desde o princípio optamos pela professora Aglair Bernardes, que para nós parecia ser uma pessoa que entenderia a nossa proposta. Com uma ótima bagagem cultural e uma visão arrojada da vida, ela nos ajudaria a realizar o nosso trabalho.

Após mostrarmos o que já tínhamos feito do projeto, ela afirmou que estava tudo errado. Isso só nos confirmou o que já estava provado; nós estávamos órfãs de professor de “Projetos...”. Não sabíamos como fazer um relatório. Ementa? O que é ementa? Escrevíamos o que achávamos certo e em vez de ir atrás do professor e ele nos explicar ( como tem que ser ), ficávamos acanhadas com receio do tal professor olhar pra nossa cara e dar aquele famoso sorrisinho que parecia estar dizendo “suas burras”. Então depois disso, após sabermos quais os elementos que teríamos que explicar no relatório, iniciamos o trabalho. Melhorou um pouco mais ainda não estávamos conseguindo escrever o que pensávamos. O texto estava horrível e a cada orientação a nossa orientadora se horrorizava com o material que nós apresentávamos a ela. Ela falava “como vocês querem fazer uma revista diferente com este texto, nos chamando de “brega” por tabela. Admito que nesta fase estive tentada a desistir do assunto e partir para outra aventura jornalística, mas resolvi continuar. Refazíamos o texto um milhão de vezes, mas ainda tinha coisa para arrumar. Nisso a Renata desiste de fazer o trabalho final com a Fabiana de Liz e se junta ao nosso grupo. Inicialmente o trabalho dela seria vender anúncios, o que nunca aconteceu. Continuamos as três.

Ainda em fase de acabamento do relatório, uma das dificuldades foi a confusão em que nós ficávamos quando o professor dizia que tal coisa era certo no relatório, e a Aglair falava que não, que estava errado. Bem, mesmo assim demos uma corridinha e entregamos o projeto, no qual tiramos 9.0 (nove). Isso nos incentivou também, ainda mais pelo professor que corrigiu que não dá nota de graça pra ninguém. Decidimos

que dividiríamos o trabalho com a Cíntia fazendo textos, Renata diagramando e eu tirando as fotos, porém esta seqüência não foi muito seguida, as três fizeram tudo. Depois do projeto na mão começamos a executá-lo. **Imediata** estava nascendo

Neste mesmo semestre eu e a Cíntia tínhamos escolhido cursar disciplinas que estivessem relacionadas ao que pretendíamos fazer. Fizemos *Ilustração para Mídia Impressa* com o professor Clóvis Geyer e eu fiz também *Criação Literária* ( crônica) com a professora Regina Carvalho. A primeira escolhemos porque achamos que nossos conhecimentos em artes gráficas aumentaria (o que para nosso objetivo era fundamental) e a segunda, porque enriqueceria meu texto que não seria nem um pouco sizado. Um ponto a mais para nós.

iniciassem também com a letra i. E assim fizemos, depois de uma busca pelo dicionário, decidimos que as seções teriam os seguintes nomes:

**Economia - indicativo**

1. **Lugares - infinito**
2. **Perfil - identidade**
3. **In cena - cultura**
4. **Saúde - imune**
5. **Sexo - inflamável**
6. **Moda - imagem**
7. **Utilidades - item**

Com as seções definidas faltaria fazer os textos e os logos. Resolvemos o primeiro caso, começamos a discutir as pautas nas nossas orientações. Seguindo nosso objetivo de alcançar garotas de classe média e baixa fizemos as seguintes matérias ( com a explicação do porquê delas existirem) :

- **Indicativo:** Economia descomplicada, um pouco primária até, mas este era justamente o nosso objetivo: não falar de planos do governo, mas sim de operações básicas, como por exemplo, como lidar com poupança ou conta corrente. Na primeira edição da revista falaríamos de como as garotas que não ganham muito dinheiro pode lidar com o dinheiro. Explicamos o que alguns bancos oferecem para estas pessoas e qual a operação financeira mais apropriada. Dando também dicas de como agir para não cair em roubadas

- **Infinito:** Era uma seção que falaria de lugares em geral, que podia ser desde um bar, ou danceteria legal; até um lugar onde se pudesse fazer turismo de uma forma mais barata. Na primeira edição falaríamos do bares da Trindade, um roteiro para quem não tem carro para ir em lugares mais longe para sair à noite.

- **Identidade:** Pessoas que fizeram alguma coisa de interessante, que por motivo ou outro se sobressaíam das outras pessoas. Mudamos um pouco o enfoque. É,



montados com roupas baratas de lojas populares. Nós três nos encontramos com ela no Centro e fomos garimpar boas peças de roupa. Entramos em muitas lojas tentando encontrar algo legal e barato mesmo para mostrar a nossas leitoras. Fizemos uns 10 (dez) conjuntos e os fotografamos. Fotografia é um comentário à parte, porque o que estava planejado era que a Renata tiraria fotos com a Polaróide dela. Mas ela não tinha o filme no momento, e eu então resolvi que iria tirar algumas fotos em preto e branco com a máquina do curso só para garantir que ela lembraria quais foram os conjuntos escolhidos pela Daniela. Tirei as fotos, mas sem os cuidados específicos, pois serviriam apenas como um registro. Foi uma grande idéia pois o filme da polaróide era tão caro que ficou impossível obtê-lo. Aquelas seriam as fotos definitivas.

Já a matéria de economia foi realizada inicialmente com o professor Roberto Meurer, do curso de economia da UFSC, mas não satisfeita com o resultado procurei também o economista Mauro Fiuza para conversar sobre o assunto. Depois dele eu procurei os bancos Unibanco, Bradesco e o Banco do Brasil para saber dados específicos destas instituições para completar a matéria.

A história de identidade foi engraçada, porque queríamos alguém diferente, que fizesse um trabalho legal aqui em Floripa. Mas em meio a tantas conversas com a Aglair, a Cíntia comentou que a sogra dela, Maria Terezinha Ferreira, era meio “diferente”. Então a Aglair falou que daria um ótimo perfil. E assim ficou resolvido. O texto foi feito facilmente já que a repórter a conhecia muito bem pelo fato de ser nora dela. As fotos foram complicadas de tirar. Eu fiz uma sessão com ela no quarto, que não ficaram boas pois estava muito escuro. Fiz outra sessão, que acho que ficou bem melhor que a anterior. Tive mais tempo para pensar em uma bom ângulo para retratar a riqueza de detalhes que é a vida de Tê. Além disso, desta vez, ela apresentou elementos mais ricos para as fotos, como por exemplo a coleção de sapatos um “pouco” espalhafatosos.

Para a matéria de saúde, sobre métodos contraceptivos, eu entrevistei o Dr. Luiz Paulo Souza que é especialista em planejamento familiar. Eu o entrevistei, mas ainda assim preferi dar uma olhada em alguns sites para complementar a matéria

Também tinha um material que a Dra. Elaine Carreirão me forneceu por motivo de ela não ter tempo para me receber. Também obtive os preços destes métodos na farmácia do SESI.

Também ajudei a fazer algumas das matérias que as meninas estavam desenvolvendo. Na matéria sobre masturbação feminina, eu e a Cíntia fomos a um Sex Shop. Foi muito divertido. Isso acabou nos obrigando a conhecer um mundo que não faz parte do nosso cotidiano. Bem, fomos lá no sábado pela manhã. A loja ficava no prédio Dias Velho no terceiro andar. Ficamos procurando a tal loja, morrendo de vergonha que alguém nos visse. Lá estava ela, a porta branca com as placas “Venda de produtos eróticos, Proibido permanência de menores de 18 anos, Favor bate e aguarde”. Quando chegamos, para piorar a situação, um garoto estava esperando a sua vez. O rapaz, entrou, saiu, e a moça então nos chamou. De início já a bombardeei com a explicação do porquê estarmos ali. Ai então ela- meio apreensiva ainda - explicou os objetos da loja. À medida que ela ia nos dando as respostas, ela foi se soltando e no final ela estava falando mais do que nós perguntando. Como a fotógrafa não compareceu, como o determinado, nós pedimos para a Renata fotografar um outro dia. Para terminar a matéria sobre masturbação feminina, eu e a Cíntia fomos conversar com o médico da HU sobre a entrada de mulheres na urgência, vítimas de acidentes envolvendo objetos de masturbação. Na matéria de infinito (lugares) a Renata viu como eram os lugares para sair à noite na Trindade, o público, preço, fazendo também as fotos. Ela também fez as páginas de cultura. Quer dizer juntou as resenhas de livro feita pela professora Regina Carvalho, a de filme e a de música e também fez as de utilidade. Esta matéria foi feita conversando com um mecânico que explicou a ela alguns segredos do funcionamento de um carro para as mulheres mais desavisadas. Uma das atrações na nossa revista foi a entrevista da cantora Gretchen. Tudo começou quando o Rafa ( Rafael Sens) disse que ela e a Rogéria iriam fazer um show na Shandon. Combinamos de ir todas juntas e entrevistar as duas. Não posso entrar em detalhes porque infelizmente não pude ir.

Basicamente estas foram as matérias exibidas em **Imediata**. Uma das

minhas grandes dificuldades para realiza-las foi o fato de que as fontes nunca podiam nos atender, o que desperdiçou muito nosso tempo. E nos raros dias que elas podiam eu é que não estava disponível pelo fato de estar trabalhando no CTC.

Outro problema foram as fotos. Quem seria nosso fotógrafo? Para a entrevista da Rogéria e da Gretchen pedimos à Samanta para que fosse a nossa fotógrafa. Todos nós esperávamos que o resultado seria maravilhoso. Nossas expectativas não foram correspondidas. Então resolvemos que nós mesmas tiraríamos a foto. Eu tirei as fotos de moda e perfil e a Renata da matéria do Sex Shop. Mesmo assim o curso não nos serviu o suficiente: era proibido a retirada de máquina por alunos que estavam fazendo seu trabalho final. Os laboratórios estavam sempre cheios, sendo beneficiados os alunos de outras fases. O trabalho final não era considerado pelo pessoal da fotografia.

O tempo ia passando e as matérias não saiam. Junto com as matérias, fomos fazendo o projeto gráfico, mas ficamos em dúvida, porque com todas as alternativas oferecidas (programas especializados) nós não sabíamos qual rumo tomar. A Aglair dizia que o projeto teria que ser muito diferente, com elementos que ainda não tinham sido vistos em nenhuma revista. Tentávamos, tentávamos, fazíamos as páginas, mas o resultado ainda não chegava perto da proposta estabelecida. Para saber desconstruir as páginas - como ela queria - primeiro era preciso saber montá-las, e isso exigia um conhecimento muito grande de artes gráficas. Infelizmente não obedecíamos este requisito, pois esta não foi a área mais explorada pelas três durante toda a nossa permanência no curso de Jornalismo. Nós olhávamos as revistas e queríamos fazer igual, o que era impossível já que estes profissionais são pessoas experientes que estão há anos neste ramo.

Decidimos que se não terminássemos a tempo, ou se não conseguíssemos patrocinador até dia 15 (quinze) de outubro iríamos transformar a revista em um site. Achávamos esta escolha melhor, mas ainda resistimos a idéia mais um pouco, ainda queríamos ela impressa.

## A mudança

Passou a data prevista. Nos reunimos na casa do professor Clóvis para que ele nos explicasse do que precisaríamos para concluir o projeto. Tínhamos consciência de que seria um trabalho difícil porque acessar uma página é fácil, mas fazê-la nem tanto. Precisariamos de um programa chamado Dreamweaver (que é onde se fabricam as páginas da WEB) - eu nunca havia trabalhado com ele antes. Só para achar alguma pessoa que tinha este programa demorou muito, atrasando ainda mais nosso trabalho. Enfim a Renata achou alguém que tinha o CD com o Dreamweaver: Pedro Valente- nossa salvação.

Ele foi instalado errado na minha casa, mais espera. O problema foi solucionado, e a partir deste momento o Dreamweaver se tornou parte da minha vida. O quê precisaríamos mais? Bem, surgiram idéias, e mais idéias, mas para quem nunca havia lidado com esta linguagem os passos teriam que ser dados muito lentamente. Começamos com a implantação deste programa nos possíveis lugares em que trabalharíamos: na minha casa, na casa da Cíntia, e no Lec, sendo que ele já estava instalado no computador do Clóvis e na casa do Fabrício (onde também trabalhávamos). Trabalhar no Lec era quase impossível, somente usávamos Internet, já que não havia Photoshop - o que impedia o nosso trabalho, pois tudo o que fazíamos utilizava figuras. Passo 2 - entender o programa, para isso teríamos que nos virar. Quem começou a entender foi a Renata, que traduziu todo o manual de ajuda do Dreamweaver. Quando ela entendeu, nos ensinou algumas coisas, mas pra mim, ainda não era claro. Em casa eu olhava para o programa, e falava “ meu Deus, o que eu faço?” E não podia ajudar em nada porque as minha matérias já estavam prontas mais ainda não estava apta para trabalhar com o Dreamweaver.

Durante este tempo as nossas orientações deixaram de ser na sala da Aglair

toda quinta feira de manhã, para ser na casa do Clóvis no mesmo dia só que à noite. A Renata ia fazendo fazendo as páginas sob a orientação do Clóvis, enquanto eu, a Aglair e a Cíntia íamos discutindo os textos. Depois, cansada e ver o tempo passar, resolvi tentar mexer no tal do programa. Em casa fiquei vendo esta e aquela função e fui fazendo a minha parte. Erra aqui, acerta ali, conclui o que eu deveria fazer.

Passo 3 - entender linguagem da rede. Tivemos que adaptar todos os textos que eram da revista para o novo estilo on-line. Engana-se quem acha que é fácil, o estilo da mídia impressa e eletrônica é totalmente diferente. Ilustrações e fotos de mais, textos de menos, esta é a ordem. Porém nunca sabíamos quando estávamos errando. Chegamos o mais perto possível do que entendemos o texto para Internet. Queríamos que o texto ficasse bem solto, coloquial mesmo. Pretendíamos que a nossa leitora se identificasse com a nossa proposta sentindo que nós desejávamos chegar mais perto da realidade dela. Para nós não existe nada parecido com o que queríamos fazer. É um texto diferente, que pode incomodar muitas pessoas pela intimidade, mas é nisso em que acreditamos.

Fundos. Pode parecer que existe fundos muito diferentes entre uma matéria e outra, mas isso faz parte da nossa linha gráfica. Eles acompanham a linha editorial do texto, já que o texto é solto, divertido porque os fundos não seriam? Adoramos os fundos, dá um toque todo especial à revista. Além disso alguém já viu uma revista com somente um fundo para todas as seções?

Fotos. Continuaram a ser um problema. Nós tirávamos as fotos e tínhamos que escanear na casa do Clóvis. Não ficaram com boa qualidade. A foto da Tê na matéria do perfil ficou péssima para visualização. Novamente o curso não nos auxiliou. Máquina digital? Nem chegamos a pedir com a certeza da resposta. O coordenador do laboratório a trata como uma filha. Ninguém pode chegar perto.

Continuando, com quase toda a revista pronta, baixamos a página na rede através do servidor do CCE. Depois de muitos desencontros com o responsável por este setor, finalmente o encontramos. Ele nos ensinou como fazer as atualizações através do programa FTP que eu nunca tinha ouvido falar na vida. Tudo bem. Então a Renata

e ficamos: [www.cce.ufsc.br/~a9618334](http://www.cce.ufsc.br/~a9618334). Um absurdo. A nossa segunda surpresa é que não aparecia nada quando alguém acessava a página. Já com os nervos à flor da pele, procuramos o responsável novamente e vimos qual foi o erro: em vez de passar o arquivo para o FTP como HTML, a Renata passou como HTM. Um problema resolvido. Vimos a página, mesmo com algumas coisas faltando ela estava lá. Segundo problema a ser solucionado: o nome com que ficamos. Pedimos à Aglair para ela nos indicar com quem poderíamos falar. Ela disse para irmos falar com o Felício, diretor do CCE. Fomos até ele e ele nos falou para que entrássemos na rede pelo servidor do projeto Universidade Aberta, com o nome certo: [www.imediata.ufsc.br](http://www.imediata.ufsc.br). Falamos com o Hélio, e ele assinou um ofício que deveria ser enviado ao NPD para que autorizasse nosso novo domínio. Porém até a presente data não obtivemos sresposta.

## O que faltou

Muita coisa, muita coisa faltou para que o projeto ficasse do jeito que eu gostaria. Faltou observar mais publicações sobre Internet, sobre Design e sobre texto na Internet. Poderia ter passado mais tempo me dedicando à revista, e isso serve para as três, pois assim poderíamos tê-la lançado a mais tempo para podermos fazer todas as atualizações previstas. Ainda neste tópico faltou um cronograma que seguissemos com rigor.

Faltou um lugar fixo para trabalhar, que no caso poderia ter sido oferecido pelo curso, o que para nós facilitaria nosso trabalho. Muitas vezes trabalhávamos em muitos computadores, salvando na máquina e no disquete, acabando por esquecer de gravar uma ou outra coisa. Tínhamos a certeza de que tínhamos trazido o material, mas quando abríamos o disquete....

Cometemos muitos erros nas páginas, mas isso movido pela inexperiência em matéria de linguagem de Internet. O que sabíamos era ver as páginas e dizer se eram boas ou não, mas não saberíamos dizer o que mudar nelas, e como. Tivemos que aprender uma linguagem totalmente nova, podemos dizer recente para todos. Isto tudo em pouquíssimo tempo, mal paramos para ver se estava bom ou não - tínhamos que produzir. Tivemos o nosso valor pela falta de tempo e pelos vários problemas que estiveram no nosso caminho. Encaramos este trabalho como um projeto experimental e para isso nos serviu - erramos e acertamos, mas acima de tudo, aprendemos.

## A lição

Foi tudo uma grande lição. Todos os passos, acertos e erros. Aprendi a realmente trabalhar em equipe, sendo esta equipe foi mais que apenas um trabalho escolar. Dividimos a vontade de realmente fazer um trabalho legal, porque nós sabíamos que isso era muito importante para as três. Aprendi a confiar no trabalho de outra pessoa dependendo dela para o sucesso que gostaríamos.

Pudemos ter contato com a linguagem da Internet, que eu pessoalmente achava muito interessante. A partir daí meu interesse aumentou e com certeza pesquisarei mais sobre o assunto e quem sabe não seguir por este caminho.

## Bibliografia

### Sites

<http://www.gineco.com.br>

<http://www.sexualidades.com.br>

<http://www.woman.com>

<http://www.zaz.com.br/banheirofeminino>

<http://eagle2.american.edu/~sd1512a/links.htm>

### Livros

Novo dicionário de economia - Organização e Supervisão de Paulo Sandroni.

Editora Best-Seller - 9ª edição, 1998

A mulher e o sexo - Sheila Kitzinger

Editora Interamericana, 1ª edição em português, 1985.

Têndencias e impasses - O feminismo como crítica da cultura - Organização Heloisa

Buarque de Holanda

Editora Rocco Rio de Janeiro, 1994

Cadernos Pagu - Gênero, tecnologia e ciência - Cadernos pagu (10) 1998

Livro de estudo do Projeto Recomeçar da CUT - Módulo 3

Gustav Klimt - Gottfried Fliedl

### Revistas.

Ervas e Temperos - Guia Rural- Editora Abril- 1991

Análise das revistas : Putz, Palavra, Nova, Marie Claire, Cláudia, Capricho e tantas outras.